

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS**

**Matheus Coelho Junqueira  
Vitor Ferreira Santos**

**A ATUAÇÃO DOS INTÉRPRETES EDUCACIONAIS DE LIBRAS NO  
CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UFAC: DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS**

**RIO BRANCO  
2026**

**Matheus Coelho Junqueira  
Vitor Ferreira Santos**

**A ATUAÇÃO DOS INTÉRPRETES EDUCACIONAIS DE LIBRAS NO  
CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UFAC: DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina  
Trabalho de Conclusão de Curso II como componente  
curricular do curso de Licenciatura em Letras-Libras da  
Universidade Federal do Acre (UFAC).

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup> Dra. Karlene Ferreira de Souza

RIO BRANCO  
2026

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

J95a Junqueira, Matheus Coelho, 2001 -  
A atuação dos intérpretes educacionais de Libras no curso de Letras Libras da UFAC: desafios e perspectivas / Matheus Coelho Junqueira, Vitor Ferreira Santos; orientadora: Profa. Dra. Karlene Ferreira de Souza. – 2026.  
42 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação Letras e Artes (CELA), Curso de Licenciatura em Letras Libras. Rio Branco, 2026.

Inclui referências bibliográficas, apêndice e anexo.

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Intérprete para surdos. 3. Letras Libras – Universidade Federal do Acre. I. Santos, Vitor Ferreira, 2003 - II. Souza, Karlene Ferreira de (orientadora). III. Título.

CDD: 419

---

**Matheus Coelho Junqueira  
Vitor Ferreira Santos**

**A ATUAÇÃO DOS INTÉRPRETES EDUCACIONAIS DE LIBRAS NO  
CURSO DE LETRAS LIBRAS DA UFAC: DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras Libras.

Aprovado em xx de xxxxx de 2026.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Karlene Ferreira de Souza  
Universidade Federal do Acre – UFAC

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudia de Souza Martins Lima  
Universidade Federal do Acre – UFAC

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Maria Josina de Lima  
Secretaria Municipal de Educação – SEME

**RIO BRANCO  
2026**

## AGRADECIMENTOS

Eu, Matheus, quero agradecer primeiramente a Deus por me dar forças para a realização deste trabalho, e à minha família por todo apoio e incentivo durante minha trajetória no curso. Também agradeço à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Karlene Ferreira de Souza, por acreditar em mim neste trabalho e por toda a paciência e dedicação; agradeço também à professora de TCC, Prof.<sup>a</sup> Dra. Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira, pelo suporte nesta pesquisa.

Agradeço a todo o corpo docente do curso de Letras-Libras da UFAC e aos intérpretes, em especial, àqueles que concederam as entrevistas, pois sem eles esta pesquisa não seria possível. Por fim, sou grato aos amigos que sempre me deram apoio.

Eu, Vitor, gostaria de expressar minha gratidão primeiramente a Deus, por me conceder a força e a perseverança necessárias para a realização deste trabalho. Agradeço à minha família, pelo apoio emocional e pelo incentivo constante. Sou grato a minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Karlene Ferreira de Souza, expresse meu profundo agradecimento, pela paciência e pela dedicação essencial ao desenvolvimento dessa pesquisa. Agradeço à professora de TCC, Prof.<sup>a</sup> Dra. Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira, por todo o suporte técnico e pelas orientações fundamentais nesta jornada. Agradeço também ao curso de Letras-Libras da UFAC e aos intérpretes por toda ajuda durante essa graduação.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pelos Tradutores e Intérpretes de Libras-Língua Portuguesa (TILSP) no curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC), em Rio Branco, no período de 2022 a 2025. Com base nesse objetivo principal, definimos objetivos específicos para compreender melhor a situação atual. Queremos identificar os enlaces, as dificuldades pedagógicas e linguísticas que estes profissionais enfrentam no cotidiano acadêmico, discutir as condições de trabalho dos intérpretes de Libras na UFAC, à luz da legislação vigente e da literatura especializada e refletir sobre estratégias que possam contribuir para uma atuação mais eficaz, qualificada e valorizada do intérprete de Libras em ambientes de ensino bilíngue. A fundamentação teórica é baseada em Albres, Rodrigues, Nascimento (2022) e Iriarte e Martins (2013), que tratam da compreensão do cenário de profissionalização e desafios pedagógicos que enfrentam os TILSP. Quanto à metodologia, escolhemos uma abordagem qualitativa trazendo base em Gerhardt e Silveira (2009), e natureza aplicada com os estudos de Gil (2008) com foco em ouvir as percepções de quem atua no curso durante o período delimitado. Os dados foram produzidos a partir de uma entrevista semiestruturada com perguntas relacionadas ao cotidiano profissional na UFAC. A pesquisa destaca a importância e valorização do TILSP dentro de uma instituição de ensino superior e com os resultados encontrados, entender que requer políticas institucionais que reconheçam a complexidade de sua prática e assegurem condições dignas para a efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Palavras-chave: Intérprete. Desafios. Parceria pedagógica

## ABSTRACT

This research aims to analyze the challenges faced by Libras-Portuguese Translators and Interpreters (TILSP) in the Undergraduate Degree in Libras (Licenciatura em Letras Libras) at the Federal University of Acre (UFAC), in Rio Branco, between 2022 and 2025. Based on this primary objective, specific goals were defined to better understand the current situation. We aim to identify the connections and the pedagogical and linguistic difficulties these professionals encounter in their daily academic routine; discuss the working conditions of Libras interpreters at UFAC in light of current legislation and specialized literature; and reflect on strategies that can contribute to a more effective, qualified, and valued performance of Libras interpreters within bilingual educational environments. The theoretical framework is based on Albres, Rodrigues, and Nascimento (2022) and Iriarte and Martins (2013), who address the professionalization landscape and the pedagogical challenges faced by TILSP. Regarding the methodology, a qualitative approach was chosen based on Gerhardt and Silveira (2009), with an applied nature following the studies of Gil (2008), focusing on the perceptions of those working in the program during the defined period. Data were collected through semi-structured interviews with questions regarding professional daily life at UFAC. This research highlights the importance and valuation of TILSP within higher education institutions. The findings suggest that institutional policies are required to recognize the complexity of their practice and ensure dignified conditions for the realization of a truly inclusive education.

Keywords: Interpreter. Challenges. Pedagogical partnership.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 A atuação do intérprete de Libras no ensino superior e no curso de Letras-Libras .....	17
2.2 A Atuação do Tradutor-Intérprete de Libras no Contexto Educacional.....	20
2.3 Atuação do TILSP na Educação Superior: desafios e perspectiva.....	21
3. METODOLOGIA.....	23
4 ANÁLISE DE DADOS.....	27
5 Considerações Finais.....	36
REFERÊNCIAS .....	37
ANEXOS -.....	39
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	39
APÊNDICE – ENTREVISTA COM OS INTÉRPRETES .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é produzido por dois autores, por isso, a não ser nesta apresentação pessoal, escreveremos o texto na primeira pessoa do plural.

Sou Matheus Coelho Junqueira, acadêmico concluinte do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC), iniciei minha trajetória com a Libras ainda no 9º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Acreano. Naquele período, tive contato com dois estudantes surdos e com o intérprete que os acompanhava. Observava atentamente suas interações, o que me despertou curiosidade e interesse em compreender aquela forma de comunicação. Em algumas situações, recorria ao intérprete para me comunicar com os colegas surdos sobre trabalhos escolares. Com o tempo, esse interesse se fortaleceu e, ao realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), decidi ingressar no curso de Licenciatura em Letras Libras da UFAC.

Assim como Matheus, eu, Vitor Ferreira Santos, também sou concluinte do curso de Letras Libras da UFAC e tive meu primeiro contato com a Libras antes mesmo da graduação. Isso ocorreu no Colégio Militar Dom Pedro II, durante o Ensino Médio. Em minha turma, havia um colega surdo e percebia a dificuldade que tínhamos em nos comunicar. Esse desafio despertou em mim o desejo de conhecer melhor a Libras. Busquei informações na internet e, com o tempo, o convívio com esse colega possibilitou uma maior compreensão da língua e da comunidade surda. Assim, decidi aprofundar meus estudos e ingressei no curso de Licenciatura em Letras Libras pela UFAC, por meio do ENEM.

Eu e o Vitor, desde o primeiro período, construímos uma amizade e conversamos sobre diversos aspectos relacionados ao curso: disciplinas, duração, metodologia e, principalmente, o papel dos intérpretes. Logo, percebemos que a presença desses profissionais é essencial para assegurar a comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e professores e demais grupos da comunidade universitária. Durante a graduação, participamos de cursos de extensão em Libras, observamos professores e intérpretes em sala de aula e frequentemente nos questionávamos sobre como seria atuar nessa área.

O curso, portanto, teve grande influência em nossa escolha pelo tema de pesquisa, já que o contato com intérpretes de Libras é cotidiano em nossa formação. Agora, em nossa reta final, optamos por investigar esse tema por interesse mútuo e pela necessidade de compreender melhor questões que nos inquietam, como: quais os procedimentos necessários para se tornar intérprete de Libras? Quais as dificuldades enfrentadas por esses profissionais no curso de

Letras Libras da UFAC? O ingresso na universidade ocorre por concurso ou por contratação terceirizada? Considerando que pretendemos atuar nessa área futuramente e esclarecendo que o curso de Letras Libras forma professores e não intérprete, acreditamos que este estudo é atual e relevante.

O presente trabalho tem como foco a relevância do intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e os desafios vivenciados por essa categoria no curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC) especificamente os educacionais sendo efetivo e provisórios. Esses profissionais são responsáveis por mediar a comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e professores, além de surdos e técnicos nos diferentes setores da universidade, realizando a tradução e/ou interpretação da Língua Portuguesa para Libras e vice-versa, de forma simultânea ou consecutiva.

No Brasil, a profissão do Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Língua Portuguesa (TILSP) foi regulamentada pela Lei nº 12.319/2010, a qual reconhece e normatiza a atuação de TILSP guias-intérpretes de Libras. Essa legislação representou um marco para a categoria, pois oficializou a indispensabilidade desses profissionais na garantia da acessibilidade comunicacional. A lei também consolidou direitos importantes, como a exigência de formação específica e o reconhecimento da atuação profissional em diversos contextos (educacional, jurídico, médico, entre outros). Além disso, proporcionou maior visibilidade à profissão e possibilitou melhorias nas condições de trabalho, como a criação de concursos públicos, beneficiando não apenas os intérpretes, mas também a comunidade surda ao garantir uma mediação comunicativa de maior qualidade.

Para esse trabalho, o profissional deve ter domínio das duas línguas envolvidas (Libras e Português) e compreender as peculiaridades culturais da comunidade surda, demonstrando sempre compreensão em qualquer assunto no momento da interpretação. Essa capacidade de ir além das palavras é o que torna o intérprete um profissional tão essencial, especialmente para a comunidade surda, pois é ele quem garante que a informação circule de forma acessível e que todos possam participar de maneira equitativa em diferentes contextos. Caso contrário, a falta de domínio da Língua de Sinais pode acarretar não apenas constrangimento para o intérprete, mas também um profundo desconforto para o surdo, que se vê privado do direito de compreender integralmente o que está sendo comunicado.

A realidade evidencia que muitos professores que passaram a atuar como Intérpretes sentem-se constrangidos em assumir esse papel, justamente porque reconhecem suas limitações em relação ao domínio da Libras. Quadros (2006, p.152) alerta para esse risco ao questionar: “Se o intérprete dessa língua não é fluente, que tipo de informações ele está mediando entre o

professor da classe e o aluno surdo?”. Esse questionamento é central para refletirmos sobre a qualidade da mediação comunicativa, pois não se trata apenas de transmitir palavras, mas de garantir o sentido, a intencionalidade e a acessibilidade integral da mensagem.

Além disso, a formação insuficiente ou a ausência de preparo específico pode comprometer diretamente a inclusão dos estudantes surdos no ambiente educacional. Um intérprete que não possui fluência em Libras ou que não compreende as nuances culturais da comunidade surda pode acabar, mesmo sem intenção, criando barreiras comunicacionais, dificultando a aprendizagem e limitando a participação do aluno surdo. Por essa razão, a legislação que regulamenta a profissão, bem como as diretrizes educacionais, enfatiza a importância da qualificação e da formação continuada desses profissionais, visto que o ato de interpretar envolve muito mais do que um processo mecânico de tradução: trata-se de garantir equidade, respeito e acessibilidade.

Outro ponto relevante é que o intérprete, precisa constantemente desenvolver estratégias cognitivas e linguísticas para lidar com situações complexas que surgem no ambiente acadêmico. Ao acompanhar uma aula, por exemplo, ele não apenas traduz os conteúdos, mas também precisa adequar o discurso, respeitar os tempos de fala e, muitas vezes, lidar com termos técnicos, conceitos abstratos e linguagem acadêmica. Isso exige não só domínio linguístico, mas também preparo cultural, ético e pedagógico, visto que seu trabalho influencia diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

A presença de TILSP qualificados é indispensável no curso de Letras Libras, especialmente em uma instituição como a UFAC, onde o convívio entre surdos e ouvintes é constante e fundamental para a construção de um espaço verdadeiramente inclusivo. A atuação desses profissionais não pode ser vista apenas como uma função técnica, mas como uma prática que promove acessibilidade, garante direitos e dá voz à comunidade surda dentro do espaço acadêmico.

Embora existam outros conceitos de tradução interpretação, filiamo-nos aos de Ronice Quadros (2004) que define:

Uma tradução sempre envolve uma língua escrita. Assim, poder-se-á ter uma tradução de uma língua de sinais para a língua escrita de uma língua falada, da língua escrita de sinais para a língua falada, da escrita da língua falada para a língua de sinais, da língua de sinais para a escrita da língua falada, da escrita da língua de sinais para a escrita da língua falada e da escrita da língua falada para a escrita da língua de sinais (p. 09).

Quadros também estudou e publicou sobre os modos de interpretação, destacando que esse processo pode ocorrer de duas formas principais: simultânea e consecutiva. A interpretação

simultânea acontece quando o TILSP-tradutor e intérprete de Libras processa a informação recebida em uma língua e a transmite quase que imediatamente na língua-alvo. Esse modelo é bastante utilizado em salas de aula e em eventos acadêmicos, pois permite que o surdo acompanhe em tempo real o que está sendo dito pelo professor ou palestrante. No entanto, esse tipo de interpretação exige do profissional elevada capacidade de concentração, domínio linguístico e rapidez no processamento das informações, uma vez que qualquer atraso pode comprometer a compreensão da mensagem.

Já a interpretação consecutiva ocorre quando o profissional ouve (ou observa, no caso da Libras) uma parte da mensagem e, posteriormente, a reproduz na outra língua. Esse tipo de interpretação, embora menos comum em contextos educacionais por demandar mais tempo, pode ser bastante útil em situações formais e específicas, como em atendimentos individuais, reuniões ou ambientes jurídicos. Nesses casos, o intérprete consegue ter um tempo maior para organizar as ideias, o que pode contribuir para maior precisão terminológica ao conteúdo (Lunetta; Guerra, 2019).

É importante ressaltar que, independentemente da modalidade utilizada, a interpretação exige não apenas domínio das línguas envolvidas, mas também uma compreensão ampla do contexto, dos sujeitos comunicativos e das intenções discursivas. No ambiente acadêmico, por exemplo, o TILSP precisa lidar com jargões técnicos, conceitos teóricos e terminologias específicas de diferentes áreas do conhecimento. Assim, tanto a interpretação simultânea quanto a consecutiva demandam constante preparação, atualização e estudo por parte do intérprete.

Essa diferença é de suma importância para refletirmos sobre a prática profissional no curso de Letras Libras da UFAC, visto que os intérpretes ali presentes enfrentam contextos diversos, ora exigindo uma interpretação simultânea, ora consecutiva. Em ambos os casos, o desafio é garantir que os alunos surdos tenham acesso integral e em tempo hábil ao conhecimento, assegurando o direito à educação inclusiva e de qualidade.

A interpretação sempre envolve as línguas faladas/sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais (Quadros, 2004, p. 09).

Servindo como uma atualização da Lei nº 12.319/2010, a Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023, trouxe importantes avanços em relação ao exercício profissional e às condições de trabalho do TILSP e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Essa nova legislação altera dispositivos da lei anterior e estabelece parâmetros mais claros para a jornada de trabalho desses profissionais.

De acordo com a Lei nº 14.704/2023, a carga horária dos intérpretes de Libras passa a ser de 6 horas diárias ou 30 horas semanais, assegurando limites que visam preservar a saúde física e mental do trabalhador. Além disso, a lei determina o revezamento obrigatório de intérpretes em situações de atuação contínua por mais de uma hora, reconhecendo que a atividade exige intenso esforço cognitivo, concentração e desgaste físico, especialmente nos casos de interpretação simultânea.

Essa atualização busca não apenas garantir melhores condições de trabalho para os profissionais, mas também assegurar maior qualidade na tradução e interpretação ofertada à comunidade surda. Ao estabelecer limites e normas para a prática profissional, a lei contribui diretamente para a valorização da categoria, para a prevenção de problemas de saúde ocupacional e, principalmente, para a efetividade do direito à acessibilidade comunicacional, promovendo inclusão em contextos educacionais, institucionais, culturais e sociais.

A partir do apresentado, justificamos esta pesquisa pela necessidade de compreender os desafios enfrentados pelos intérpretes de Libras no contexto específico do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFAC, espaço em que a Libras é tanto objeto de ensino quanto meio de comunicação entre alguns dos atores envolvidos. Ainda que esse curso tenha como princípio a valorização da língua e da cultura surda, a pesquisa nos mostrou que os profissionais da interpretação atuam em um ambiente marcado por múltiplas camadas de complexidade, que envolvem aspectos linguísticos, pedagógicos e éticos.

A atuação do TILSP em cursos de Letras Libras exige um nível elevado de competência linguística, domínio de terminologias técnicas e acadêmicas, além da constante tomada de decisões quanto à sinalização do discurso, à gestão do tempo e à adaptação às modalidades simultânea ou consecutiva de tradução (Quadros; Schmiedt, 2006; Russo, 2010). Soma-se a isso o fato de que, muitas vezes, há uma compreensão limitada, por parte de docentes e discentes, sobre os limites do papel do intérprete, o que pode acarretar sobrecarga de funções ou conflitos comunicacionais (Strobel, 2009; Fernandes, 2006).

Outro aspecto relevante refere-se à lacuna existente na literatura: poucos estudos contemplam especificamente a perspectiva de alunos ouvintes concluintes de Letras Libras sobre a atuação dos intérpretes em seu próprio curso. Esse diferencial confere originalidade à proposta desta pesquisa, que poderá contribuir não apenas para a melhoria das condições de trabalho dos intérpretes, mas também para a formação de futuros docentes mais conscientes das implicações da educação bilíngue e da mediação linguística no ensino superior (Gesser, 2009).

Dessa forma, este estudo alinha-se aos pressupostos da inclusão, do reconhecimento da Libras como uma das línguas do povo surdo brasileiro e da valorização da atuação do intérprete

como sujeito central na promoção do acesso linguístico e educacional de surdos e ouvintes em ambientes bilíngues de ensino.

Apesar dos avanços atuais, tais problemas não são recentes. Desde o início da trajetória dos TILSP no Brasil, por volta da década de 1980, já se evidenciavam dificuldades semelhantes. Inicialmente, a atuação desses profissionais esteve ligada a contextos religiosos, com forte presença do voluntariado. Posteriormente, em 1988 e 1992, ocorreram, respectivamente, o I e o II Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, organizados pela FENEIS, que possibilitaram maior engajamento da categoria e promoveram discussões relevantes sobre a profissionalização, os direitos e os desafios enfrentados por esses trabalhadores.

A pesquisa também se justifica pela necessidade de apresentar as reverberações das condições impostas aos intérpretes de Libras no curso de Letras Libras da UFAC, em um momento em que a profissão ainda é considerada relativamente “nova” o decreto nº 10.185/2019 ele define o fim do cargo trazendo precauções aos exercentes dessa área é causado confusão pois a Lei nº 13.146/2015 Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a Constituição Federal garantem o direito à comunicação e à educação para pessoas surdas, criando um paradoxo já que o aluno surdo possui direitos de entrar em uma instituição de ensino, mas essa precarização nos TILSP afeta diretamente sua permanência nesse contexto. Assim, a investigação das problemáticas enfrentadas por esses profissionais torna-se fundamental, pois, além de contribuir para o debate acadêmico, oferece espaço para que os próprios intérpretes expressem suas percepções e opiniões acerca do ofício, proporcionando maior visibilidade à categoria.

Em específico, o Decreto nº 9.725/2019, assinado pelo então presidente Jair Bolsonaro, afetou diretamente a atuação dos intérpretes, uma vez que extinguiu o cargo de Tradutor/Intérprete de Libras de nível superior (nível E) e suspendeu o cargo de nível médio (nível D). Como consequência, devido à extinção do cargo de intérprete, as instituições não podem mais realizar concursos, sendo obrigadas a optar pela terceirização essa forma de contratação alterou significativamente a dinâmica de trabalho, já que os vínculos passaram a ser estabelecidos com empresas prestadoras de serviço, responsáveis pelo pagamento de salários, benefícios e demais direitos trabalhistas, ou não pagamento.

A terceirização, atual modelo de contratação de profissionais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), Universidades e Institutos Federais, coloca os TILSP em uma posição de maior instabilidade, visto que, ao contrário dos servidores efetivos, os contratados podem ser facilmente substituídos, além de receberem salários e benefícios inferiores. O próprio Portal do Supremo Tribunal Federal STF (2019) destacou, a partir de manifestação da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB, que o decreto viola os princípios da

autonomia universitária e da reserva legal ao extinguir, por meio de decreto autônomo, funções e cargos públicos ocupados. Segundo a entidade, embora a norma atinja diversos órgãos e entidades do Executivo Federal, as instituições federais de ensino foram as mais prejudicadas, com a extinção de 119 cargos de direção e 1.870 funções comissionadas de coordenação de cursos e, posteriormente, mais 11.261 funções gratificadas, o que desfigurou a estrutura administrativa dessas instituições.

Essa realidade impacta diretamente os TILSP e, por consequência, compromete o direito à acessibilidade comunicacional das pessoas surdas, representando um retrocesso nas políticas de inclusão. Com a extinção de concursos públicos para a categoria, os profissionais veem-se cada vez mais obrigados a recorrer a contratações temporárias ou terceirizadas, o que fragiliza a estabilidade e o reconhecimento da profissão. Nesse sentido, a presente pesquisa ganha destaque por ser realizada no âmbito do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC), a partir da escuta e das falas dos próprios intérpretes, que terão oportunidade de expor suas experiências, dificuldades e indignações.

Tratando-se especificamente da UFAC, segundo dados fornecidos pelo Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), atualmente a UFAC conta com 17 intérpretes de Libras terceirizados e apenas 3 efetivos. No curso de Letras Libras, 8 desses profissionais estão em atuação, sendo 6 terceirizados e apenas 2 efetivos. Ao longo de nossa trajetória acadêmica, a presença de intérpretes em sala de aula foi constante, com dois profissionais acompanhando a estudante surda em todas as disciplinas. Entretanto, ao longo dos períodos, observamos diversas trocas de intérpretes, o que comprometeu a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. Para Quadros (2004), essa troca de profissionais é prejudicial tanto aos alunos Surdos, quanto aos próprios tradutores e intérpretes. A autora diz que “a presença contínua do TILSP é fundamental para o estabelecimento de vínculos, a construção de confiança e o desenvolvimento de uma comunicação eficaz entre o aluno surdo, os colegas e os professores” (Quadros, 2004).

Essas informações tornam ainda mais urgente investigar as condições de trabalho e os desafios enfrentados pelos intérpretes de Libras no curso de Licenciatura em Letras Libras da UFAC. Essa perspectiva é fundamental para compreender não apenas o papel desempenhado pelos intérpretes nesse espaço acadêmico, mas também as percepções daqueles que compartilham cotidianamente desse ambiente e que, em breve, atuarão como profissionais da educação bilíngue.

Por esse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as dificuldades enfrentadas pelos intérpretes de Libras no curso de Licenciatura em Letras Libras da

Universidade Federal do Acre (UFAC), a partir da percepção dos Tradutores e Intérpretes de Libras–Língua Portuguesa (TILSP) que atuaram no referido curso no período de 2022 a 2025. Com vistas ao alcance do objetivo geral, estabelecem-se os objetivos específicos: a) identificar os principais desafios de natureza linguística, pedagógica e ética vivenciados pelos intérpretes de Libras no contexto do curso de Letras Libras; b) discutir as condições de trabalho dos intérpretes de Libras na UFAC, à luz da legislação vigente e da literatura especializada e, c) refletir sobre estratégias que possam contribuir para uma atuação mais eficaz, qualificada e valorizada do intérprete de Libras em ambientes de ensino bilíngue.

Atuar como intérprete na UFAC exige enfrentar desafios que vão além da tradução, envolvendo barreiras institucionais que impactam diretamente a qualidade da inclusão. Para fundamentar essa análise, a próxima seção Fundamentação Teórica revisita os marcos legais e aborda em sua atuação no ambiente educacional.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste capítulo iremos abordar questões que se relacionam com as problemáticas dos intérpretes, trazendo questões como a conduta ética e níveis de formação acadêmica dos TILSP que se busca discutir os desafios que esses profissionais encontram em seu cotidiano a partir de teóricos e críticos que se dedicam a pesquisar a temática. Assim como as demandas de manter uma postura ética diante das diferentes situações comunicativas, o respeito ao sigilo, bem como o compromisso com a inclusão da comunidade surda.

### **2.1 A atuação do intérprete de Libras no ensino superior e no curso de Letras-Libras**

A presença do Tradutor e Intérprete de Libras–Língua Portuguesa (TILSP) no ensino superior brasileiro consolidou-se como uma das principais estratégias institucionais para viabilizar o acesso linguístico de estudantes surdos à universidade. Para Albres, Rodrigues e Nascimento (2022), a efetividade dessa mediação não pode ser analisada apenas a partir da garantia formal do serviço, sendo necessário considerar as condições concretas de atuação dos TILSP e as exigências específicas dos contextos acadêmicos nos quais esse profissional está inserido.

Nos cursos de Letras-Libras, essas exigências assumem particular relevância. Diferentemente de outros espaços educacionais, trata-se de um contexto em que a Libras ocupa lugar central não apenas como meio de comunicação, mas como objeto de estudo, reflexão teórica e análise linguística. Nesse cenário, o intérprete passa a atuar em um ambiente marcado por elevado grau de especialização conceitual, o que demanda competências que extrapolam a fluência linguística e a experiência prática acumulada no exercício da interpretação educacional.

Albres, Rodrigues e Nascimento (2022) ressaltam que a interpretação em contextos acadêmicos deve ser compreendida como uma prática situada, atravessada por demandas discursivas, institucionais e pedagógicas específicas. No ensino superior, o intérprete não lida apenas com interações espontâneas, mas com gêneros discursivos próprios da esfera universitária, como aulas expositivas, seminários, defesas acadêmicas e debates teóricos. No caso do curso de Letras-Libras, soma-se a isso a necessidade de interpretar conceitos metalinguísticos, terminologias técnicas e discussões epistemológicas que exigem preparação prévia e aprofundamento teórico constante.

Uma das dificuldades recorrentes destacadas pelos autores diz respeito à fragilidade do planejamento pedagógico compartilhado. Em muitas situações, os intérpretes não têm acesso antecipado aos textos, *slides* ou planos de aula, o que compromete a possibilidade de estudo terminológico e de tomada de decisões tradutórias mais consistentes. Essa ausência de planejamento impacta diretamente a qualidade da interpretação, sobretudo em disciplinas que abordam teorias linguísticas, metodologias de pesquisa ou análises gramaticais da própria Libras.

Esse aspecto dialoga diretamente com as reflexões de Rodrigues e Galán-Mañas (2021), ao discutirem a noção de competência tradutória como um conjunto articulado de saberes, habilidades e atitudes que se desenvolvem em contextos formativos e profissionais específicos. Para os autores, a atuação do tradutor e do intérprete envolve a mobilização de competências linguísticas, extralinguísticas, instrumentais e estratégicas, que só podem ser plenamente acionadas quando há condições adequadas de trabalho e de preparação. Assim, a ausência de acesso prévio aos conteúdos compromete não apenas o desempenho técnico, mas o próprio exercício da competência profissional do intérprete.

Outra dificuldade frequentemente mencionada na literatura refere-se à indefinição institucional do papel do intérprete. Albres, Rodrigues e Nascimento (2022) observam que ainda é comum que o TILSP seja percebido como um apoio genérico ao estudante surdo, e não como um profissional especializado em mediação linguística. Essa compreensão limitada leva, muitas vezes, à atribuição de funções que extrapolam o escopo da interpretação, como explicar conteúdos, adaptar atividades ou intervir pedagogicamente na condução da aula.

No contexto dos cursos de Letras-Libras, essa indefinição torna-se particularmente contraditória. Espera-se que um curso voltado à formação linguística e à valorização da Libras reconheça a complexidade do trabalho interpretativo. No entanto, conforme apontam Albres, Rodrigues e Nascimento (2022), o reconhecimento simbólico da Libras enquanto língua não se traduz automaticamente no reconhecimento institucional do intérprete como profissional dotado de competências específicas. Essa lacuna contribui para a sobrecarga de trabalho e para a invisibilização da atuação interpretativa no espaço acadêmico.

As condições de trabalho também emergem como um eixo central na discussão das dificuldades enfrentadas pelos intérpretes no ensino superior. Jornadas extensas, ausência de revezamento, número reduzido de profissionais e vínculos laborais precários são aspectos que impactam diretamente a saúde física e emocional do intérprete. A interpretação simultânea, conforme reiteram Albres, Rodrigues e Nascimento (2022), envolve elevado custo cognitivo e

exige pausas, alternância de turnos e condições ergonômicas adequadas, mas esses são elementos que nem sempre são garantidos pelas instituições.

Sob a perspectiva dos estudos sobre competência e didática da tradução, Rodrigues e Galán-Mañas (2021) destacam que o desempenho profissional não pode ser dissociado das condições em que o trabalho é realizado. A ausência de políticas institucionais voltadas à formação continuada, à valorização profissional e à organização do trabalho compromete o desenvolvimento e a manutenção das competências necessárias à atuação qualificada do intérprete, especialmente em contextos de alta complexidade discursiva, como os cursos de Letras-Libras.

No plano ético-profissional, observa-se ainda a dificuldade entre a expectativa de neutralidade frequentemente atribuída ao intérprete e as demandas reais da prática interpretativa. Albres, Rodrigues e Nascimento (2022) problematizam a ideia de neutralidade absoluta, argumentando que a interpretação educacional envolve decisões discursivas, escolhas terminológicas e adaptações que são inevitáveis diante da diversidade linguística e cultural presente na sala de aula. No curso de Letras-Libras, essas decisões tornam-se ainda mais delicadas, uma vez que o conteúdo em si envolve discussões sobre língua, cultura e identidade surda.

A partir dessas reflexões, torna-se possível compreender que as dificuldades enfrentadas pelos intérpretes de Libras no ensino superior e, de modo particular, no curso de Letras-Libras, não podem ser reduzidas a limitações individuais ou falhas técnicas. Trata-se de um conjunto de desafios estruturais, pedagógicos e institucionais que impactam diretamente a atuação profissional e o acesso efetivo dos estudantes surdos ao conhecimento acadêmico.

Nesse sentido, investigar as dificuldades vivenciadas por intérpretes que atuam no curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC) revela-se uma iniciativa relevante não apenas para dar visibilidade às condições locais de atuação, mas também para contribuir com o debate mais amplo sobre políticas institucionais, formação profissional e organização do trabalho interpretativo no ensino superior. Ao articular as experiências desses profissionais com os aportes teóricos de Albres, Rodrigues, Nascimento (2022) e Rodrigues e Galán-Mañas (2021), a pesquisa possibilita uma leitura crítica das práticas institucionais e aponta caminhos para a qualificação da mediação linguística em contextos acadêmicos bilíngues.

## 2.2 A Atuação do Tradutor-Intérprete de Libras no Contexto Educacional

A inclusão do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Educacional (TILSP) no cenário educacional brasileiro, embora amparada por marcos legais de inclusão como Decreto nº 5.626/2005 e Lei nº 12.319/2010, transcende a simples função de acessibilidade linguística para situar-se em um campo de tensões e hibridismos, ou seja, interpretação e ato educativo.

No ambiente escolar, o ato de interpretar privar-se da neutralidade que de acordo com Iriarte e Martins (2022) que em prática se demonstra impossível para de ser aplicar na prática, se consolidado apenas nos campos da teoria ainda que tal conceito seja dialogado por Quadros (2004), no entanto podemos converter essa técnica em uma prática discursiva profundamente ligada no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, compreender a atuação desse profissional exige uma análise que considere as uniões entre os estudos da tradução e as teorias da educação, reconhecendo o intérprete não apenas como um canal de transmissão, mas como um sujeito mediador que participa ativamente da construção de sentidos no cotidiano da sala de aula.

A atuação do TILSP mostra-se indissociável da esfera educacional, de acordo com a perspectiva dialógica de Bakhtin e o Círculo (1997), a linguagem é uma prática social que se realiza na interação. Essa premissa reforça a importância do TILSP no ambiente escolar. No entanto, as condições dessa atuação dependem diretamente da formação do TILSP. Como destacam Iriarte e Martins (2022), é urgente que essa formação não foque apenas na técnica linguística, mas também no saber pedagógico, embora isto pode não ser a realidade de todos os profissionais

Dessa forma, a atuação do TILSP distancia-se de uma perspectiva meramente de apenas um instrumento "ser a voz do professor" para aproximar-se de uma função educadora (Martins, 2013, p. 130). Essa perceptiva demonstra o papel do TILSP ser o mediador comunicacional, parceiro pedagógico, aquele que trabalha em cima do que o docente fornece ao alunos, e não dita o conhecimento aplicado em sala.

Nesse ambiente educacional, a neutralidade cede lugar a uma ética pedagógica própria. Esta se diferencia do código de ética proposto por Quadros (2004), cuja aplicação na escola é criticada por ser, por vezes, incompatível com as demandas reais da sala de aula Xavier (2012). Pois seguindo à risca o código de ética seria necessário que o intérprete sinalizasse tudo de maneira literal que está pronunciando, fidelidade total e isto por si, já quebra todo o humanismo dos TILSP, Portanto, a ética seguida é a do cotidiano escolar, construída por meio de vínculos

afetivos e pedagógicos com os alunos surdos. Nela, a tradução de conteúdos entre professor e intérprete flui através de adaptações que possibilitam ao aluno assimilar o conhecimento de maneira concreta (Martins, 2013).

Para que essa mediação seja efetiva, é indiscutível a boa convivência entre o professor regente e o intérprete e, de acordo com (Martins, 2013), o trabalho deve ser colaborativo porque não se trata de dividir a sala em duas, mas de somar competências, isto é, o docente com o domínio do conteúdo e o intérprete com a competência linguística e tradutória. Assim, é apropriado uma elaboração em conjunta sobre a avaliação do aluno surdo e fornecer conteúdo para o IE ter uma preparação adequada.

Ao fim dessa discussão, a profissão de intérprete requer mais atenção e zelo, porque é uma área necessária para uma formação contínua, além de estar sempre pronto para surpresas, requer ética para trabalhar com diferentes pessoas sendo surda ou não e que sempre tenham seus direitos assegurados por ser um agente de inclusão educacional.

### **2.3 Atuação do TILSP na Educação Superior: desafios e perspectiva**

Para compreender a atuação do TILSP na educação superior, faz-se necessário resgatar a trajetória histórica desses profissionais, marcada inicialmente por uma formação empírica e voluntária. Conforme apontam Santos (2007) e Nascimento (2014), os intérpretes surgiram a partir do contato direto com a comunidade surda, sendo, em sua maioria, familiares, membros de instituições religiosas ou participantes de associações, sem que houvesse investimento do poder público em sua formação. A profissionalização começou a se delinear a partir de iniciativas organizadas pelos próprios intérpretes, como o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, realizado em 1988 pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), que marcou o início de uma mobilização coletiva em prol do reconhecimento da profissão.

De acordo com Bisol e Valentini (2011), o tradutor e intérprete de Língua de Sinais é o profissional que possui competência linguística para viabilizar a comunicação entre surdos e ouvintes. Rodrigues e Santos (2018) destacam que tradução e interpretação são atividades distintas, sendo a interpretação dependente do contexto imediato e da interação direta com o público, enquanto a tradução pode ocorrer fora do contexto de uso, com o texto-fonte previamente elaborado. A ampliação dos espaços de atuação dos TILSP, assegurada legalmente, evidenciou também as dificuldades enfrentadas pelos profissionais para

desenvolver competências adequadas às exigências dos diferentes contextos, especialmente o educacional.

Nascimento (2014) alerta que a ausência de normas claras para orientar a atuação dos intérpretes de Libras gera situações conflituosas e compromete a qualidade do serviço prestado. No campo educacional, Lacerda (2009) enfatiza que é inadmissível permitir que estudantes surdos sejam acompanhados por pessoas sem formação adequada, considerando as dificuldades linguísticas que já enfrentam.

Essa realidade começa a se transformar com a promulgação do Decreto nº 5.626/2005 e, posteriormente, da Lei nº 12.319/2010, que regulamenta a profissão e fortalece a exigência de formação específica para a atuação do TILSP. O Decreto nº 5.626/2005 estabeleceu que a formação do tradutor e intérprete de Libras deve ocorrer em nível superior, por meio de cursos de Tradução e Interpretação, admitindo, de forma transitória, a formação em nível médio por meio de cursos profissionalizantes, de extensão universitária e de formação continuada. A carência de profissionais com formação superior específica impulsionou a criação de novos cursos e programas de formação, bem como a implementação temporária do Exame Nacional de Proficiência em Libras (Prolibras), realizado entre 2006 e 2016.

Nos últimos anos, o crescimento do número de estudantes surdos na educação superior intensificou as demandas por acessibilidade linguística nas universidades. Martins, Leite e Lacerda (2015), a partir de dados do Censo da Educação Superior e do Programa Incluir, evidenciam o aumento significativo das matrículas de estudantes surdos e deficientes auditivos, o que levou as instituições a adotarem recursos de acessibilidade, como a contratação de TILSP e a oferta da disciplina de Libras. Contudo, as atribuições desses profissionais frequentemente extrapolam a interpretação em sala de aula, abrangendo atividades acadêmicas diversas, muitas vezes sem planejamento prévio, o que impacta diretamente a qualidade do atendimento oferecido.

Diante desse cenário, torna-se fundamental refletir sobre a organização dos serviços de tradução e interpretação nas universidades e sobre as percepções dos próprios TILSP acerca de suas atribuições profissionais. A análise dessas práticas contribui para o fortalecimento da profissionalização da área e para a consolidação de políticas institucionais que assegurem o direito linguístico dos estudantes surdos, promovendo sua permanência e sucesso acadêmico na educação superior. Finalizada a seção teórica, passamos para a metodologia que fundamenta este estudo.

### 3. METODOLOGIA

Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos que orientaram o desenvolvimento da pesquisa, incluindo o método adotado, os objetivos específicos, a base teórica que fundamenta o estudo e sua finalidade. A definição desses elementos foi essencial para garantir a coerência entre o problema de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e a análise dos resultados.

Adotamos uma abordagem qualitativa, que possibilita uma compreensão mais aprofundada das experiências, percepções e dificuldades enfrentadas pelos intérpretes no contexto do curso de Letras Libras. A seleção dos participantes, os instrumentos utilizados (como entrevistas e questionários) e os critérios de análise foram definidos com o propósito de captar, de maneira crítica, a complexidade da realidade vivenciada por esses profissionais. E os dados serão coletados a partir da entrevista realizada.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar as dificuldades enfrentadas pelos intérpretes de Libras no curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC), a partir da percepção dos Tradutores e Intérpretes de Libras–Língua Portuguesa (TILSP) que atuaram no referido curso no período de 2022 a 2025. Classificamos esta investigação como pesquisa aplicada, visto que procura examinar e enriquecer a discussão acerca da atuação profissional desses intérpretes, sem focar em soluções prontas, mas sim em explorar respostas para as perguntas apresentadas, o foco está em explorar e oferecer sugestões que ajudem a compreender melhor uma realidade específica. (Gil, 2008) O caráter é aplicado, pois, propõe-se a evidenciar as adversidade dos intérpretes em seu cotidiano, esta investigação também irá contribuir com a visibilidade dos mesmos.

A finalidade desta pesquisa está em compreender os desafios enfrentados pelos TILSP do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC), com vistas a dar visibilidade às suas experiências e dificuldades no exercício da função. Como afirma Gil (2008, p. 27), “a pesquisa científica procura responder aos problemas que afligem o homem, contribuindo para o avanço da ciência e para o bem-estar da sociedade”. A pesquisa é importante tanto para a academia quanto para a sociedade. Isso porque o trabalho do intérprete ajuda na comunicação e na inclusão das pessoas surdas na universidade.

Diante desses objetivos, optamos pela abordagem qualitativa na qual não se baseia na quantificação especificamente com números, mas sim com a análise de dados. Os dados apresentados neste estudo foram obtidos por meio de entrevistas, pesquisas e questionários,

com o objetivo de compreender as principais dificuldades enfrentados pelos participantes no contexto de intérpretes do curso Letras Libras.

“As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32).

Esta abordagem foi escolhida devido à sua capacidade de oferecer uma compreensão mais profunda das experiências e percepções dos TILSP. Por meio dessa metodologia, foi possível investigar as dimensões subjetivas e contextuais da profissão, permitindo a construção de análises críticas e a identificação de questões essenciais para o aprimoramento tanto da formação quanto da prática profissional dos profissionais entrevistados.

A abordagem qualitativa lida com dados não quantificados. Nesta pesquisa os dados foram criados coletivamente junto aos profissionais entrevistados a partir de entrevistas semiestruturada com intérpretes do curso de letras libras.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 13).

Compreendemos que os fenômenos sociais exigem um olhar interpretativo, sensível às particularidades dos sujeitos envolvidos e aos contextos em que estão inseridos. Como afirmam Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não tem como foco a representatividade numérica, mas sim o aprofundamento da compreensão de grupos sociais, instituições ou realidades específicas.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 195) “a entrevista semiestruturada combina perguntas abertas e fechadas, permitindo que o entrevistado discorra sobre o tema proposto, mas dentro de uma linha de interesse do pesquisador”. Tal ação possibilita uma escuta qualificada dos participantes e uma análise reflexiva dos dados produzidos. A entrevista foi realizada a partir de uma entrevista semiestruturada relacionadas à sua profissão e gravaremos suas falas para que os dados fossem interpretados e analisados posteriormente.

Nesse contexto metodológico a produção de dados desta pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com Tradutores e Intérpretes de Libras–Língua Portuguesa (TILSP) que atuaram no curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC), no período compreendido entre os anos de 2022 e 2025. A escolha desse público se deu em razão

da experiência direta desses profissionais no contexto investigado, o que possibilitou uma compreensão mais aprofundada das dificuldades enfrentadas no exercício da função.

Antes do início das entrevistas, os participantes foram convidados a integrar a pesquisa de forma voluntária. Na ocasião, foi apresentado e entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual constavam informações sobre os objetivos do estudo, os procedimentos metodológicos, o uso restrito dos dados e das gravações, bem como a garantia de sigilo e anonimato. Esse procedimento atendeu aos princípios éticos da pesquisa com seres humanos, respeitando os direitos e a dignidade dos participantes, conforme orienta Gil (2010).

As entrevistas foram realizadas, inicialmente, nas dependências da UFAC. Para a seleção dos participantes, os pesquisadores dirigiram-se ao setor do curso de Letras Libras, mais especificamente à sala destinada aos intérpretes, onde foi apresentada a proposta da pesquisa aos profissionais presentes. Na ocasião, encontravam-se sete intérpretes em exercício, sendo dois efetivos e cinco terceirizados. Dentre eles, três aceitaram participar da pesquisa, sendo um efetivo e dois terceirizados. As recusas não foram questionadas, embora se considere a possibilidade de receio em abordar questões relacionadas às condições de trabalho no próprio ambiente institucional.

A fim de garantir um ambiente adequado e reservado, as entrevistas foram realizadas individualmente em uma sala específica, o laboratório de ensino do curso. Antes do início, reforçou-se aos participantes que nenhuma informação que possibilitasse sua identificação seria divulgada. Mediante autorização prévia, as entrevistas foram gravadas em áudio, com o objetivo de assegurar maior fidelidade no registro dos dados coletados.

O instrumento utilizado para a coleta de dados consistiu em um questionário semiestruturado, composto por dez questões, que abordaram aspectos como tempo de atuação profissional, vínculo empregatício (efetivo ou terceirizado), possíveis conflitos com docentes ou discentes, sobrecarga de trabalho, condições salariais, entre outros temas relacionados à prática profissional do intérprete de Libras no contexto universitário.

Durante a realização das entrevistas, houve momentos em que se fez necessário interromper as gravações, em razão de relatos pessoais e desabafos dos participantes acerca de experiências sensíveis vivenciadas na profissão. Em respeito às questões éticas, tais trechos não foram incluídos na análise dos dados. Após o encerramento formal das entrevistas, manteve-se um diálogo informal com alguns participantes; no entanto, as informações provenientes dessas conversas não integraram o *corpus* da pesquisa.

Assim, para fins de análise, foram considerados exclusivamente os dados referentes às sete questões previamente definidas no roteiro de entrevista, assegurando-se a preservação da identidade dos participantes e o uso dos dados estritamente para fins acadêmicos.

As questões previstas foram:

1. Como você descreveria a sua experiência aqui como intérprete de Letras Libras?
2. Quais os principais desafios que você enfrenta aqui no ambiente acadêmico desse curso?
3. Você sente clareza por parte dos professores e alunos sobre seu papel como intérprete?
4. Em uma situação pedagógica, envolvendo aulas teóricas, apresentações, discussões e aulas técnicas, qual é a mais difícil?
5. Você já enfrentou conflitos ou sobrecargas de função por expectativas equivocadas sobre seu papel?
6. Como você avalia o reconhecimento por parte da instituição em relação ao seu trabalho?
7. Que melhorias ou mudanças você acredita que poderiam favorecer uma atuação mais eficaz dos intérpretes nesse contexto?

Para a análise dos dados, foi realizada uma análise temática das entrevistas. Inicialmente, as entrevistas foram transcritas integralmente, preservando a fidelidade às falas das participantes. Em seguida, realizou-se uma leitura atenta e reiterada do material, com o objetivo de identificar unidades de sentido e recorrências presentes nos depoimentos. A partir dessa leitura, foram construídas categorias temáticas emergentes, organizadas conforme os principais eixos identificados nas narrativas das intérpretes, tais como condições de trabalho, desafios pedagógicos, formação profissional e delimitação do papel do intérprete no ensino superior. Posteriormente, essas categorias foram articuladas ao referencial teórico adotado na pesquisa, buscando interpretar os dados à luz das discussões acadêmicas da área. A análise dos dados será abordada no próximo capítulo, no qual serão discutidas de forma aprofundada as falas dos TILSP em relação às questões propostas.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Apresentamos, a seguir, as análises das entrevistas realizadas com Três Tradutores e Intérpretes de Libras–Língua Portuguesa (TILSP) que atuaram no curso de Letras Libras no período de 2022 a 2025. As falas selecionadas para compor esta análise não foram escolhidas de maneira neutra ou aleatória, mas a partir de um processo intencional de leitura e interpretação, no qual privilegamos os trechos que melhor evidenciam as dificuldades de atuação no curso, bem como as experiências e os desafios enfrentados por esses profissionais, fundamentais tanto para o processo educacional de estudantes surdos quanto para a atuação docente de professores surdos.

A análise dos dados foi organizada a partir das perguntas que compuseram o roteiro de entrevistas. Em algumas questões, optou-se por não apresentar as respostas de todos(as) os(as) TILSP entrevistados(as), uma vez que nem todas as falas contribuíam diretamente para os objetivos analíticos deste estudo. Essa seleção também reflete o caráter subjetivo e interpretativo do processo de análise, construído a partir de nossas leituras, escolhas e reflexões enquanto pesquisadores em diálogo com a orientadora do trabalho.

### **“Como você descreveria a sua experiência aqui como intérprete de Letras Libras?”**

A análise da primeira pergunta revela trajetórias profissionais distintas entre as intérpretes entrevistadas, o que contribui para uma compreensão ampliada das experiências vivenciadas no curso de Letras Libras. Maria e Rebeca apresentam falas significativas que permitem problematizar tanto o tempo de atuação quanto a formação acadêmica e suas implicações na prática profissional.

Maria destaca sua longa trajetória no curso ao afirmar: “eu estou aqui desde 2013 [...] efetivamente, comecei a trabalhar em 2014” (Entrevista com Maria, 2025). Sua atuação acompanha praticamente toda a história de implementação e consolidação do curso, incluindo mudanças e reconfigurações do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Essa experiência prolongada possibilitou à intérprete vivenciar diferentes fases do curso, o que contribui para uma percepção mais ampla e crítica sobre o funcionamento institucional e pedagógico.

Outro aspecto relevante de sua fala refere-se à mobilidade funcional dentro da universidade, quando relata ter atuado inicialmente no Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), transitando por diferentes cursos, como Filosofia e Medicina Veterinária. Essa experiência evidencia a necessidade constante de adaptação linguística e conceitual por parte do intérprete,

uma vez que cada área do conhecimento exige domínio de terminologias específicas e distintos campos conceituais. Embora os níveis de complexidade sejam semelhantes, os conteúdos demandam competências diferentes, o que intensifica o desafio da atuação profissional.

Em contraste, Rebeca apresenta uma experiência profissional mais recente, uma vez que é recém-egressa do curso de Letras Libras. Sua trajetória ainda está em construção, o que a diferencia da experiência consolidada de Maria. Essa diversidade de percursos evidencia que os desafios enfrentados pelos intérpretes variam conforme o tempo de atuação e a formação inicial, contribuindo para múltiplas percepções sobre o trabalho no curso.

Ambas relatam satisfação em atuar no curso, como se observa nas falas: “quando eu vim para cá, eu achei legal porque eu ia focar na minha área” (Maria) e “eu gosto. Na verdade, como eu sou formada pelo Letras/Libras” (Rebeca). No entanto, essas falas revelam certa imprecisão conceitual quanto à área de formação e atuação profissional. Maria, embora se identifique como atuando em sua área, possui formação em Letras-Português, inserindo-se no campo da linguagem, mas não especificamente na Libras. Já Rebeca, apesar de formada em Letras Libras, cursou uma licenciatura voltada à formação docente, e não ao exercício da tradução e interpretação.

Essa situação evidencia uma confusão recorrente entre licenciatura e bacharelado. Conforme Quadros (2014), o bacharelado em Letras Libras é direcionado à formação de tradutores e intérpretes, enquanto a licenciatura tem como foco a docência. No contexto do Acre, a inexistência de cursos de bacharelado em Letras Libras faz com que egressos da licenciatura atuem como intérpretes, mesmo sem essa formação específica, o que contribui para o sentimento de sobrecarga e dificuldade profissional.

Essa realidade fica evidente quando Rebeca afirma que “é muito pesado, são muitos conteúdos” (Entrevista com Rebeca, 2025), demonstrando que, mesmo sendo egressa do curso, a atuação como intérprete permanece desafiadora. O próprio PPC do curso reforça que o objetivo da formação é a docência, conforme estabelece o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras Libras/Língua Portuguesa como Segunda Língua (UFAC, 2013).

Dessa forma, as falas de Maria e Rebeca evidenciam que trajetórias formativas distintas impactam diretamente a percepção da experiência profissional. Enquanto Maria se apoia em uma experiência prática acumulada ao longo dos anos, Rebeca enfrenta desafios próprios de quem atua em uma função que extrapola sua formação inicial, revelando limites estruturais na formação de intérpretes no contexto investigado.

**“Quais os principais desafios que você enfrenta aqui no ambiente acadêmico desse curso?”**

A análise da segunda pergunta denota desafios recorrentes enfrentados pelas intérpretes no contexto acadêmico, especialmente relacionados à ausência de planejamento pedagógico compartilhado e à falta de formação continuada. Maria e Valéria apresentam insatisfações que permitem refletir sobre fragilidades institucionais que impactam diretamente a atuação dos TILSP.

Maria destaca como principal dificuldade a ausência de envio prévio de materiais por parte dos docentes, afirmando que “a dificuldade que nós temos aqui é a questão de não receber material antecipadamente, dos professores” (Entrevista com Maria, 2025). Essa situação compromete o preparo do intérprete, que necessita de tempo para estudo de conceitos, termos técnicos e adequação linguística, especialmente em aulas de caráter teórico.

A problemática se intensifica quando a intérprete relata que os docentes esperam que o profissional se organize apenas a partir do plano de aula, sem qualquer mediação ou diálogo prévio: “os professores querem que você pegue o plano de aula e através do plano de aula você se vire” (Maria, 2025). Tal postura evidencia a fragilidade da parceria pedagógica entre professor regente e intérprete, aspecto fundamental para garantir uma experiência educacional equitativa ao aluno surdo.

Essa constatação dialoga com Iriarte e Martins (2022), que defendem a compreensão do trabalho do TILSP para além da mediação linguística, ressaltando a importância da atuação colaborativa entre intérprete e docente como base para uma prática pedagógica inclusiva. No entanto, a realidade apresentada nas entrevistas distancia-se desse ideal teórico.

A fala de Valéria reforça essa lacuna ao relatar situações em que precisa compreender conceitos desconhecidos no momento da aula, como no trecho: “quando surge um conceito diferente, um conceito que eu não conheço [...] Didática é o quê?” (Entrevista com Valéria, 2025). Esse relato evidencia a ausência de formação continuada estruturada e de planejamento conjunto, fazendo com que o intérprete precise aprender e interpretar simultaneamente, o que aumenta a complexidade e o desgaste da atuação profissional.

Dessa forma, os desafios relatados apontam para a necessidade urgente de políticas institucionais que assegurem formação continuada, diálogo entre docentes e intérpretes e reconhecimento da complexidade do trabalho dos TILSP no ambiente universitário.

**“Você sente clareza por parte dos professores e alunos sobre seu papel como intérprete?”**

A terceira pergunta revela percepções diversas sobre a clareza do papel do intérprete no contexto acadêmico. De modo geral, observa-se que, embora no curso de Letras Libras essa função seja mais reconhecida, em outros cursos da instituição essa clareza ainda é limitada. Maria evidencia essa dualidade ao afirmar: “por ser o curso de Letras Libras, fica um pouco mais claro. Mas não são todos os cursos aqui dentro que funcionam dessa forma” (Entrevista com Maria, 2025). Essa fala confirma que o reconhecimento do papel do intérprete está diretamente relacionado ao grau de familiaridade do curso com a Libras e com a educação de surdos.

Em experiências anteriores, Maria relata situações em que docentes tratavam os alunos surdos como se fossem responsabilidade exclusiva do intérprete, afirmando que “os professores tratavam os alunos como se eles fossem os meus alunos” (Entrevista com Maria, 2025). Essa transferência indevida de responsabilidade pedagógica evidencia um desvio de compreensão do papel do TILSP, que não deve assumir funções didáticas, conforme esclarece Quadros (2004), uma vez que essas atribuições competem exclusivamente ao professor regente.

Valéria acrescenta outro elemento relevante ao destacar que a desorganização didática de alguns docentes dificulta ainda mais o trabalho interpretativo, ao afirmar que “ele é muito confuso”, embora reconheça que a maioria dos professores apresenta uma postura mais organizada. Essa observação reforça que, mesmo em um curso específico de Letras Libras, ainda existem fragilidades que interferem na atuação do intérprete.

Quando se articulam a falta de clareza sobre o papel do intérprete, a transferência indevida de responsabilidades e a ausência de diálogo pedagógico, constrói-se um cenário desgastante para o profissional. Diante disso, torna-se fundamental a criação de espaços institucionais de diálogo e formação que delimitem claramente as atribuições de cada profissional, fortalecendo a parceria pedagógica e assegurando melhores condições de aprendizagem ao aluno surdo.

**“Em uma situação pedagógica, envolvendo aulas teóricas, apresentações, discussões e aulas técnicas, qual é a mais difícil?”**

As respostas, embora com palavras e expressões diferentes, apresentou um consenso entre as/os intérpretes entrevistadas. A aula teórica é o que mais “dói na pele” do intérprete. Nas aulas longas de explicações com conceitos teóricos, intérpretes dizem ter mais dificuldade.

Maria foi direto no ponto, falou que a aula teórica “geralmente é o que mais pega, porque você tem que ter conhecimento daquele conteúdo” (Entrevista com Maria, 2025). Não é só sinalizar palavras soltas, é processar sentido. Se não entende o objeto de estudo, a interpretação é prejudicada. Mesmo Maria sendo uma intérprete que cursou uma graduação, sua formação não a habilitou para a atuação nesse nível de ensino (Ensino Superior). Além disso, a sobrecarga de trabalho dificulta ou impede que Maria e seus colegas tenham tempo de estudo e capacitação continuada. Nascimento (2022, p. 270) aponta que Maria não é um caso isolado ao discorre que “as disciplinas oferecidas, além de serem extremamente generalistas quanto à língua de sinais e às temáticas ligadas à surdez, não focam, diretamente, nas questões e problemáticas relacionadas a habilidades interpretativas e tradutórias.” Isso evidencia que o mercado de trabalho faz contratações de profissionais que não estão prontos para dar conta das demandas exigidas por uma instituição de nível superior.

Valéria aprofunda essa questão ao afirmar que há grandes expectativas em relação à atuação dos TILSP, uma vez que se espera que dominem os sinais e/ou conheçam termos e autores, conforme destaca: “termos, autores, eu tenho que saber tudo” (Entrevista com Valéria, 2025). Iriarte e Martins (2022, p. 96) ressaltam que a ausência de conhecimento dos conceitos envolvidos inviabiliza a utilização de outras estratégias que possam garantir a compreensão. Contudo, a prática interpretativa só se desenvolve de forma satisfatória quando a teoria é previamente assimilada, como a própria participante enfatiza: “A prática é sempre depois da teoria, então é sempre mais fácil, porque eu já sei, então vai com mais fluidez a sinalização” (Entrevista com Valéria, 2025). Trata-se, portanto, de uma construção mental, na qual uma base teórica sólida proporciona maior segurança no processo de interpretação.

As considerações de Valéria deixam claro que a segurança na atuação do TILSP está diretamente relacionada à consolidação da base teórica, uma vez que o domínio prévio dos conceitos favorece maior fluidez e confiança no processo interpretativo. Essa compreensão não se restringe apenas à experiência do intérprete, mas repercute diretamente no processo de aprendizagem do aluno surdo. Nesse sentido, a fala de Rebeca amplia a discussão ao deslocar o foco para o impacto das aulas teóricas sobre o estudante surdo, destacando que a complexidade conceitual desses conteúdos torna o momento pedagógico mais oneroso para o aluno quando não há mediação linguística suficientemente qualificada, ela diz: “as aulas teóricas [...], eu percebo que uma aula teórica se torna muito mais pesada para o aluno” (Entrevista com Rebeca, 2025). Essa reflexão revela a importância do preparo do TILSP pois, como apontam Costa e Albres (2022, p 110), a aprendizagem depende fundamentalmente da linguagem para promover a construção de conhecimentos acadêmicos.

As falas dos TILSP, tornam ainda mais evidente que a aula teórica representa o maior desafio no contexto pedagógico, tanto para os TILSP quanto para o aluno surdo. Certos conteúdos têm graus de dificuldade de conceitos, ou seja, exige dos TILSP conhecimentos específicos que alguns não têm. Esta percepção em nada diminui o valor da atuação destes profissionais. Alguns estão em sua primeira experiência profissional e não tiveram tempo de convívio com a comunidade surda ou de sinalização para compreender a produção de sentidos com a Libras, outros têm formações distantes da área das linguagens.

**“Você já enfrentou conflitos ou sobrecargas de função por expectativas equivocadas sobre seu papel?”**

A quinta pergunta aponta para um cenário marcado pela sobrecarga e pelo desgaste emocional, ao perguntar se os TILSP já enfrentaram conflitos ou acúmulo de funções decorrentes de expectativas equivocadas acerca de seu papel. Maria aponta que tais conflitos têm origem, sobretudo, na incompreensão da própria universidade quanto aos limites da função, algo que, segundo ela, ocorre com frequência: “isso aí é uma coisa que acontece sempre aqui porque a universidade não entende muito bem” (Entrevista com Maria, 2025). Essa percepção corrobora o que a literatura tem apontado sobre o ambiente educacional, no qual, muitas vezes, os limites da atuação do intérprete em sala de aula permanecem obscuros para professores, intérpretes e alunos surdos (Iriarte; Martins, 2022, p. 86).

A participante da pesquisa relata ainda que se espera que o intérprete de Libras consiga “dar conta” de toda a instituição, transitando de forma contínua entre salas de aula e eventos, sem pausas adequadas. Esse ritmo frenético e exaustivo, como ela destaca, compromete diretamente a saúde física e mental do profissional (Entrevista com Maria, 2025). Diante desse cenário, o TILSP acaba assumindo funções que, embora não estejam inicialmente prescritas, tornam-se recorrentes no cotidiano institucional (Iriarte; Martins, 2022). Ao final, essa sobrecarga gera impactos negativos significativos, prejudicando tanto o desempenho do TILSP quanto o próprio processo de aprendizagem do aluno surdo.

**“Como você avalia o reconhecimento por parte da instituição em relação ao seu trabalho?”**

As respostas, unânimes quanto ao reconhecimento, denotam um sentimento recorrente de desvalorização profissional entre os intérpretes entrevistados. A partir dos relatos de Valéria,

foi possível problematizar o lugar social ocupado pelo intérprete na hierarquia universitária. Essa tensão entre a presença física constante e a ausência de reconhecimento institucional é discutida por Vasconcellos (2022, p. 9), ao afirmar que, apesar da visibilidade linguística inerente à atuação do intérprete e do tradutor, a atenção dispensada a esse profissional no espaço acadêmico tem sido um processo árduo e conquistado de forma lenta e gradual. Nesse contexto, observe que

[...] houve, por parte do poder público, uma falta de valorização efetiva e uma não formalização de políticas públicas para os TILSP, ao longo de décadas, mesmo sendo uma atividade que é tão importante para um grupo social composto por 5,1% da população nacional, mais de dez milhões de brasileiros (Vilaça-Cruz; Faria; Galán-Mañas, 2022, p. 299).

A fala desses autores revela que a ausência de políticas públicas efetivas para os TILSP ajuda a explicar por que esses profissionais, mesmo sendo essenciais em diversos espaços e estando presentes nas instituições, continuam ocupando um lugar pouco reconhecido pelo Estado mesmo expressado um número significativo da população brasileira.

Valéria reforça essa visão ao relatar que “muitas vezes passamos a manhã em pé, em palestras, apresentações... e no fim todos são agradecidos, mas o intérprete que levou a comunicação raramente é lembrado”. Tal postura contribui para a consolidação da imagem do intérprete como uma espécie de “ferramenta ambulante”, reduzindo sua atuação a uma função meramente mecânica. Essa concepção aproxima-se da perspectiva que compreende o papel do TILSP apenas como mediador da comunicação (Iriarte; Martins, 2022, p. 77), desconsiderando a complexidade pedagógica e cognitiva envolvida em sua atuação. Nessa lógica, sua presença só costuma ser percebida quando há necessidade imediata de sua participação em palestras, aulas ou eventos. “Nesse sentido, é importante reconhecer que o trabalho de interpretação e de tradução é atravessado por aspectos de ordem física, cognitiva, linguístico-cultural, social e tradutória.” (GOMES, 2021, p. 144), a análise feita por Gomes (2021) reforça o descontentamento de Valéria mencionado anteriormente. a população só percebe o esforço físico ou a presença do intérprete em eventos, reforça a ideia de os TILSP ser apenas uma acessório e não um agente de educação.

As falas de Maria e Rebeca complementam esse quadro de desvalorização. Maria afirma que “o reconhecimento que nós temos aqui é levantar as mãos para o céu e agradecer porque nós temos um salário”, limitando o reconhecimento institucional à simples manutenção do vínculo empregatício. Para ela, o reconhecimento resume-se ao agradecimento implícito representado pelo pagamento salarial ao final do mês, o que sugere uma expectativa reduzida

de valorização profissional e uma relação institucional restrita ao aspecto estritamente financeiro.

Rebeca, por sua vez, problematiza essa questão ao destacar a precarização do trabalho, afirmando que “mesmo sendo uma empresa terceirizada, nós não temos o reconhecimento real” (Entrevista com Rebeca, 2025). Além disso, menciona a sobrecarga de trabalho, a baixa remuneração e a ausência de reconhecimento, fatores que, segundo ela, contribuem para o desgaste físico e emocional dos TILSP.

**“Que melhorias ou mudanças você acredita que poderiam favorecer uma atuação mais eficaz dos intérpretes nesse contexto?”**

Ao analisarmos as respostas à sétima pergunta, entendemos a necessidade de considerar aspectos como as condições de trabalho, a organização das aulas e o estudo contínuo. Para que os TILSP consigam exercer sua função de forma eficaz, sua atuação não pode depender exclusivamente do esforço individual. É fundamental, que a instituição ofereça um suporte concreto, que envolva desde uma remuneração digna até o fornecimento de materiais adequados para o exercício do trabalho intelectual. Albres (2022, p. 45) destaca a importância de compreender as condições de trabalho desses profissionais na rede pública, a fim de que seja possível, de fato, elaborar e implementar planos de melhoria na educação de surdos. Em apoio a essa visão, e necessário ressaltar que uma atuação eficaz, é preciso considerar também os "aspectos didático-pedagógicos que são inerentes à esfera em que o TILSP atua" (Iriarte; Martins, 2022, p. 101), exigindo uma formação que vá além do ato de traduzir, podendo ser uma formação continuada ou equipamento para auxiliar na interpretação.

Maria, por exemplo, aponta a precarização do trabalho como um dos principais desafios enfrentados. Maria defende que a qualidade da atuação está diretamente relacionada ao tempo dedicado ao trabalho e, por esse motivo, sugere a redução da jornada semanal de 40 para 30 horas, conforme previsto na Lei nº 14.704. Em sua visão, “se a gente diminuísse essa carga horária, nós teríamos mais qualidade de vida, mais eficiência no nosso trabalho” (Entrevista com Maria, 2025). Essa reivindicação refere-se, sobretudo, à melhoria da qualidade de vida, uma vez que a atividade interpretativa exige elevado esforço físico e mental, e a manutenção de uma carga horária extensa acaba comprometendo o desempenho profissional e o resultado do trabalho.

Em outro assunto, Valéria e Rebeca concordam quanto à importância do planejamento conjunto entre intérpretes e docentes. Para Valéria, o acesso prévio ao conteúdo das aulas é

essencial para uma interpretação mais precisa e eficiente. Segundo ela, “se o intérprete recebesse o material didático, se ele tivesse uma noção do que ele ia interpretar, não teria tantas dificuldades” (Entrevista com Valéria, 2025). A entrevistada ressalta ainda que uma relação de diálogo e boa convivência com os professores contribui significativamente para a qualidade da interpretação.

Rebeca, por outro lado, chama atenção para a ausência de formação continuada oferecida pela própria instituição. De forma incisiva ela afirma: “Primeiramente, eu acho que precisamos de formação, porque nós não temos formação continuada” (Entrevista com Rebeca, 2025). Sobre esse aspecto, Nascimento (2022, p. 292) reforça que a área demanda que os profissionais sejam compreendidos como sujeitos que necessitam de espaços qualificados e permanentes de formação profissional. E colaborando com isso, Iriarte e Martins (2022) afirmaram “ressaltamos, portanto, a necessidade de formação específica para a atividade do IE, visto que além das questões referentes à tradução e interpretação dos conteúdos e das interações”

Em síntese, as sugestões apresentadas pelos intérpretes apontam que, para que o processo de ensino e aprendizagem funcione de maneira efetiva, é necessário articular salários justos, jornadas de trabalho adequadas, acesso aos materiais pedagógicos e oportunidades de formação continuada. Na ausência desses pilares, a atuação do TILSP permanece sustentada pelo imprevisto e pelo esforço individual, o que acaba por comprometer a qualidade do ensino e o processo de aprendizagem dos alunos surdos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas realizadas com os TILSP que atuam no curso de Letras Libras da UFAC, no período de 2022 a 2025, permitiu-nos compreender parte dos desafios pedagógicos e institucionais que ultrapassam a atuação desses profissionais no contexto acadêmico. As falas analisadas demonstram que, embora o curso tenha uma proposta inclusiva por se tratar de um curso de Letras Libras, isso, por si só, não garante condições adequadas de trabalho, clareza quanto às atribuições do intérprete ou reconhecimento profissional.

Os dados apontam a fragilidade da parceria pedagógica entre docentes e TILSP, evidenciada pela ausência de planejamento conjunto, pelo não envio prévio de materiais e por compreensões equivocadas acerca do papel do TILSP. Essas situações não apenas dificultam a atuação profissional, como também geram indignação e fortalecem um sentimento de desvalorização. Esse sentimento mostrou-se recorrente nas falas dos participantes, que destacaram a inexistência de reconhecimento institucional, muitas vezes sequer materializado em um agradecimento formal pelo trabalho realizado.

Por fim, as sugestões apresentadas pelos TILSP não extrapolam o razoável, mas dizem respeito ao que é essencial para garantir condições mínimas de trabalho, como valorização salarial, adequação da carga horária e o fortalecimento da parceria pedagógica entre intérpretes e docentes. A análise dos dados evidencia que a prática do TILSP não pode depender exclusivamente do esforço individual, mas exige políticas institucionais que reconheçam a complexidade de sua atuação e assegurem condições dignas para a consolidação de uma educação verdadeiramente inclusiva.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **Ensino de Libras**: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores. Curitiba: Appris, 2016.

ALBRES, Neiva de Aquino; NASCIMENTO, Vinícius. Currículo, ensino e didática em questão: dimensões da formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 22, p. 221–243, 2014.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Dispõe sobre a profissão de tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais (Libras) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2 set. 2010. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Lei nº 14.704, de 25 de outubro de 2023. Altera disposições legais relacionadas à regulamentação de [assunto tratado]. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 out. 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm#art1](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14704.htm#art1). Acesso em: 1 set. 2025.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **OAB questiona decreto que extingue cargos em comissão e funções em universidades públicas**. Brasília, DF: STF, [s.d.]. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=416500&ori=1>. Acesso em: 8 ago. 2025.

CONECTE LIBRAS. **Origem da Libras**: Explorando as raízes da Língua Brasileira de Sinais. [S. l.]: Conecte Libras, 28 fev. 2024. Disponível em: <https://www.conectelibras.com/post/origem-da-libras-explorando-as-ra%C3%ADzes-da-l%C3%ADngua-brasileira-de-sinais>. Acesso em: 9 ago. 2025.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. **Portaria nº 122, de 14 de julho de 2016**. Estabelece diretrizes da Política de Educação Especial da Rede Municipal de Ensino. Florianópolis, 2016. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/25\\_08\\_2016\\_10.48.44.5b1ffb8a61e252ca2ea91ed43dab8cb2.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/25_08_2016_10.48.44.5b1ffb8a61e252ca2ea91ed43dab8cb2.pdf). Acesso em: 16 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 ago. 2025.

GESSER, Audrei. **Tradução e interpretação da Libras II**. Material didático desenvolvido para o Curso Letras-Libras em EaD. Florianópolis: UFSC, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras: atuação na educação**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

LUNETTA, Avaetê de; GUERRA, Rodrigues. Os desafios da formação profissional do tradutor/intérprete de Libras no Brasil. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, v. 1, n. 161, p. 1-13, 2019. Disponível em: [https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/14\\_avaete\\_os\\_desafios\\_da\\_formacao\\_profissional\\_do\\_tradutor\\_interprete\\_de\\_libras\\_no\\_brasil\\_0.pdf](https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/14_avaete_os_desafios_da_formacao_profissional_do_tradutor_interprete_de_libras_no_brasil_0.pdf). Acesso em: 1 set. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

QU, S. Q.; DUMAY, J. The qualitative research interview: A contextualist perspective. **Qualitative Research in Accounting & Management**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 238-264, 2011. Acesso em: 16 ago. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua de Sinais Brasileira e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC; Secretaria de Educação Especial, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 255-274, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/T55NhKLDWBBWnZvNCTJ5Qqk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 ago. 2025.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018.

**ANEXOS -  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**1. Convite para participar da pesquisa**

Convidamos você para participar da pesquisa A Atuação Dos Intérpretes Educacionais De Libras No Curso De Letras Libras Da UFAC: Desafios E Perspectivas que tem como pesquisadores responsável Matheus Coelho Junqueira e Vitor Ferreira Santos, o qual pode ser contatado por meio do telefone 68999265748 e 68974003804.

Solicitamos que você leia com atenção este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e peça todos os esclarecimentos para sanar suas dúvidas sobre a pesquisa e sobre a sua participação. Se você se sentir esclarecido e aceitar o convite para participar da pesquisa, solicitamos que assine a última página e rubrique as demais páginas das duas vias deste Termo.

**2. Informações sobre a Pesquisa**

2.1 A pesquisa tem por objetivo analisar as dificuldades enfrentadas pelos intérpretes de libras no curso de licenciatura em letras libras da UFAC, a partir da percepção dos TILSP que atuaram no curso de letras libras no período de 2022 a 2025 e se justifica pela necessidade de compreender os desafios enfrentados pelos intérpretes de Libras no contexto específico do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFAC, espaço em que a Libras é tanto objeto de ensino quanto meio de comunicação entre alguns dos atores envolvidos. Ainda que esse curso tenha como princípio a valorização da língua e da cultura surda, é perceptível que os profissionais da interpretação atuam em um ambiente marcado por múltiplas camadas de complexidade, que envolvem aspectos linguísticos, pedagógicos e éticos.

2.2 Os procedimentos metodológicos de coleta de dados são por via de entrevistas semiestruturada. Os procedimentos de análise dos dados são apresentados a partir de um quadro com a pergunta e resposta com um uma análise teórica, e para manter a prevenção da imagem dos TILSP utilizáramos nome fictícios.

2.3 A sua participação é voluntária e consiste em participar de uma entrevista semiestruturada, onde será realiza 7 perguntas sobre sua experiencia de Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Portuguesa (TILSP) no curso de Letras Libras, será gravado, contudo, não haverá

divulgação de nenhum material, o local da entrevista semiestruturada ocorrerá no Centro de Educação, Letras e Artes (CELA) do curso de Letras Libras.

2.4 A população alvo é constituída por acadêmicos e profissionais da área.

2.5 Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa e os seus resultados poderão ser publicados em revistas e/ou eventos científicos.

### **3. Esclarecimentos sobre riscos, benefícios, providências e cautelas e formas de acompanhamento e assistência**

3.1 Esclarecemos que a sua participação na pesquisa poderá lhe causar desconfortos, tendo em vista que o participante será gravado, mas reformamos que o registro não será publicado.

3.2 Para minimizar ou excluir os riscos da pesquisa, serão tomadas as providências e cautelas, a gravação será apenas para coleta dos dados e análise, sem publicação das imagens na pesquisa e não será divulgado o nome dos participantes, sendo utilizados os nomes fantasia.

3.3 Esclarecemos que durante a realização da pesquisa você será acompanhado e assistido por apenas os dois pesquisadores. Haverá acompanhamento e assistência que o participante terá direito; e que após o encerramento e/ou interrupção da pesquisa, você continuará a ser acompanhado, tendo direito a todos benefícios da pesquisa que lhe couber.

### **4. Garantias para os participantes da pesquisa**

4.1 Você é livre para participar ou não da pesquisa. Se concordar em participar, você poderá retirar seu consentimento a qualquer tempo, sem sofrer nenhuma penalidade por causa da sua recusa ou desistência de participação.

4.2 Será mantido o sigilo absoluto sobre a sua identidade e a sua privacidade será preservada durante e após o término da pesquisa.

4.3 Você não receberá pagamento e nem terá de pagar pela sua participação na pesquisa. Se houver alguma despesa decorrente de sua participação, você será ressarcido pelo pesquisador responsável.

4.4 Caso a pesquisa lhe cause algum dano, explicitado ou não nos seus riscos ou ocorridos em razão de sua participação, você será indenizado nos termos da legislação brasileira.

4.5 Após assinado por você e pelo pesquisador responsável, você receberá uma via deste TCLE.

4.6 A qualquer tempo, você poderá solicitar outras informações sobre esta pesquisa e os seus procedimentos, para o seu pleno esclarecimento antes, durante e após o término da sua

participação. Essas informações e esclarecimentos poderão ser solicitados ao pesquisadores responsáveis Matheus Coelho Junqueira e Vitor Ferreira Santos, pelos telefones nº 68999265748 nº 687400-3804 e pelos e-mails [matheus.junqueira@sou.ufac.br](mailto:matheus.junqueira@sou.ufac.br) e [vitor.ferreira@sou.ufac.br](mailto:vitor.ferreira@sou.ufac.br)

- 4.7 Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Acre (CEP-UFAC) para solicitar todos e quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, de segunda a sexta feira, no horário de expediente. O CEP-UFAC funciona na sede da UFAC, que fica localizado no Bloco da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, sala 26, telefone (68) 99243-8264, e-mail [cep@ufac.br](mailto:cep@ufac.br), Rio Branco-Acre, CEP 69.915-900.
- 4.8 Você, poderá, ainda, entrar em contato com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa- CONEP pelo telefone (61) 3315-5877 ou pelo e-mail [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br), para solicitar esclarecimentos e sanar dúvidas sobre a pesquisa ou mesmo para denunciar o não cumprimento dos deveres éticos e legais pelo pesquisador responsável na realização da pesquisa.

## 5. Declaração do Pesquisador Responsável

Eu, Matheus Coelho Junqueira, RG Nº 1198772-2, CPF Nº 05277422285 e Vitor Ferreira Santos, RG Nº 1137569-8, CPF Nº 06927396292 declaramos cumprir todas as exigências éticas contidas nos itens IV. 3 e IV.4 da Resolução CNS Nº 466/2012, durante e após a realização da pesquisa.

## 6. Consentimento do participante da pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_, RG Nº \_\_\_\_\_, CPF Nº \_\_\_\_\_, declaro ter sido plenamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e seus procedimentos apresentados neste TCLE e consinto de forma livre com a minha participação.

Rio Branco-Acre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 202\_\_.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

**APÊNDICE – ENTREVISTA COM OS INTÉRPRETES**

